

MILLÔR E A DESTRUIÇÃO DA FÁBULA

José Luiz FIORIN *

RESUMO: Tomando exemplos extraídos da obra de La Fontaine, este trabalho pretende mostrar que a fábula se caracteriza por revelar uma oposição entre discurso e realidade. Seu caráter exemplar não reside na moral, mas no processo de desnudamento das falácias do discurso. Millôr Fernandes, usando a estrutura tradicional da fábula, a destrói, criando uma antifábula. Ao reescrever certas fábulas, faz desaparecer a não correspondência entre o discurso e a realidade ou faz ver que essa não adequação conduz ao insucesso. Essa inversão de conteúdo cria uma verdade, que não é a da fábula, mas seu contrário.

UNITERMOS: Produção do sentido; fábula; antifábula.

“Não se faz omelete sem quebrar ovos.”

Provérbio popular

Todas as fábulas, das de Esopo às de La Fontaine ou Monteiro Lobato, caracterizam-se por possuir três partes bem distintas: um discurso figurativo, um discurso temático e um enunciado que liga esses dois discursos. O discurso figurativo narra um determinado episódio. Nessa narração, instaura-se sempre uma isotopia humana, mesmo que os atores sejam figurativizados por animais, plantas, etc. O discurso temático, contido na “moral”, é a explicitação do componente temático que subjaz ao discurso figurativo. Ele ancora a interpretação, não permitindo que o enunciatário entenda o discurso figurativo de maneira diferente daquela que o enunciador deseja. A fábula apresenta, de maneira explícita, a leitura de seu discurso figurativo. A terceira parte mostra que o discurso temático é o componente interpretativo do figurativo. É um enunciado que estabelece a ligação entre os dois outros discursos. Manifesta-se de diferentes maneiras: “A fábula mostra que...”, “Moral”, etc.

* Departamento de Linguística — Instituto de Letras, Ciências Sociais e Educação — UNESP
— 14800 — Araraquara — SP.

Além desses diferentes discursos, a fábula caracteriza-se por ser um discurso que descasca o discurso. Nas fábulas, há uma oposição entre a “realidade” e sua imagem apresentada pelos discursos. Mostram elas os expedientes discursivos que falseiam a “realidade”. Por isso, o que elas ensinam não está contido na “moral”, que revela sempre que o mundo dos homens não é regido por belos ideais, mas pela força, pela astúcia, pelos interesses. O que as fábulas pretendem deixar claro para nós são as falácias do discurso, são os mecanismos discursivos utilizados para criar uma imagem não real da “realidade”. Por isso, uma das marcas do conteúdo fabular é que o discurso debreado de 2.º grau, implícito ou explícito, não corresponde à verdade dos fatos enunciados pelo narrador. Há, então, do ponto de vista sintático, dois discursos: o do narrador e o da personagem. Eles não coincidem. O narrador vai distribuindo marcas veridictórias ao longo do discurso figurativo, para que o leitor perceba que o discurso da personagem é falso. Assim, por exemplo, na fábula “O lobo e o cordeiro”, de Fedro, o narrador, ao denominar o lobo de “latro”, começa a desqualificar sua fala. A moral ajuda a determinar qual dos dois discursos é verdadeiro. Tem ela, pois, não apenas uma função interpretativa, mas também um papel veridictório. Não apresenta um modelo a ser seguido, mas desvela a mentira (parecer e não ser) construída com palavras, aponta onde está a verdade e onde reside a falsidade.

A fábula tem um caráter metadiscursivo, que advém da oposição que se estabelece entre dois discursos: o do narrador e o da personagem. O primeiro é sempre verdadeiro, o segundo, falso. O discurso falso é enunciado pela personagem. É, então, o nível do dizer na fábula, uma vez que, quer implícito quer explícito, é introduzido por uma debreagem de 2.º grau. O discurso verdadeiro é enunciado pelo narrador. É o nível da realidade, porque o dizer do narrador é enunciado por operações de debreagem enunciativa de 1.º grau.

Tomemos alguns exemplos tirados das fábulas de La Fontaine, para verificar se eles confirmam o caráter metadiscursivo das fábulas.

A primeira fábula é “A galinha dos ovos de ouro” (4, p. 160-161). Uma galinha todos os dias bota um ovo de ouro. No nível narrativo, temos aqui um dom, pois um sujeito operador (galinha) realiza, simultaneamente, uma operação reflexiva de disjunção com um objeto-valor (riqueza) e uma operação transitiva de conjunção de um sujeito de estado (o dono) com esse objeto-valor. * No entanto, a aquisição da riqueza é resultado de um fazer iterativo da galinha, que deu início ao processo, mas ainda não o concluiu. Para o sujeito de estado, sua conjunção com a riqueza é consequência de um efeito de intensidade aumentativa. A riqueza é, então, produto de um fazer iterativo que vai fazendo aumentar

* As análises serão feitas com base nos métodos desenvolvidos por A.J. Greimas. Consultar *Sémiotique. Dictionnaire raisonné de la théorie du langage*, Paris, Hachette, 1979.

a quantidade de bens. É consequência de uma acumulação lenta, que pode ser descrita como a sobredeterminação da conjunção por uma aspectualidade progressiva.

O dono, entretanto, pensa a realidade da acumulação não em termos de progressividade, mas de pontualidade. Quer tornar-se rico não aos poucos, mas de uma só vez. A imagem que constrói da realidade é que, se a galinha bota ovos de ouro, é de ouro. Acredita, portanto, que, se a matar, ficará rico. Quer tornar-se, então, sujeito operador de uma prova, pois pretende realizar, ao mesmo tempo, uma operação reflexiva de conjunção e uma operação transitiva de disjunção, apropriando-se do ouro que ele pensava estar contido na galinha. A imagem da realidade é construída a partir de uma inferência, que se revela falaciosa.

O narrador conta que o homem mata a galinha e que, então, constata que a imagem construída não corresponde à realidade: a galinha é igual às outras. Ele não só não fica rico de uma só vez, como faz cessar o processo gradativo de acumulação.

A moral diz: “A avareza tudo perde, ao querer tudo ganhar”: Esse enunciado temático mostra que a verdade está na história contada pelo narrador e não na imagem da realidade criada pela personagem: a acumulação de riquezas só pode ser efetuada lentamente e nunca de uma só vez. Nessa fábula, o mecanismo discursivo falacioso posto a nu é a inferência que chega a uma conclusão afirmativa, partindo de uma premissa negativa. O raciocínio do homem, com efeito, parece ser: nenhuma galinha é de ouro, porque não bota ovos de ouro; esta galinha bota ovos de ouro; logo, esta galinha é de ouro. Além de outros vícios formais, esse silogismo viola a regra de construção silogística que diz: “Pejorem sequitur semper conclusio partem.” Se uma das premissas for negativa, a conclusão deverá ser negativa. A partir dessa inferência errada, o raciocínio constrói-se sobre uma falsa premissa, levando à conclusão também falsa de que se poderia ficar rico rapidamente. A cupidez obnubila o raciocínio e conduz a uma imagem falsa da realidade.

O segundo exemplo é “A raposa e o bode” (4, p. 100-101). Um bode extremamente tolo e uma raposa muito astuta caminham juntos. A sede obriga-os a descer a um poço onde se desalteram. Realizam uma operação reflexiva de disjunção com o espaço da superfície e de conjunção com o espaço da profundidade, com a finalidade de matar a sede. Depois de beber água, querem entrar em disjunção com o espaço da profundidade e em conjunção com a superfície. No entanto, não podem sair, isto é, não estão dotados de um poder-fazer. A raposa propõe que o bode se levante na ponta dos pés e que levante os chifres, para que ela, subindo nele, alcance a superfície. Promete-lhe que, em seguida, o tirará do poço. Este aceita, louvando a sabedoria da companheira. O que esta faz é transformar aquele no seu adjuvante, ou seja, no poder-sair, mediante a promessa de que, depois, operará sua disjunção com o fundo do poço.

O bode ajuda a raposa a sair do poço. Quando esta se vê fora, diz-lhe que, se ele tivesse tanto juízo quanto barba no queixo, não teria descido ao poço. Diz-lhe ainda que ele trate de procurar sair de lá.

A moral declara que “em todas as coisas é preciso considerar o fim”. O mecanismo discursivo descascado, nessa fábula, é o pedido de ajuda com promessa de retribuição posterior, que se faz quando se está em dificuldade. A moral mostra que essa promessa não será cumprida e que é feita apenas para fazer o interlocutor servir de adjuvante. Se não há meio de obrigar quem faz a promessa a executar o que prometeu, ele não levará em conta a palavra empenhada. O discurso, nesse caso, não corresponde à realidade, mas serve para ocultar os verdadeiros propósitos do sujeito.

O terceiro exemplo é “A raposa e as uvas” (4, p. 107). Uma raposa, quase morta de fome, vê belas uvas vermelhas. Deseja então comê-las, mas não consegue alcançá-las. A raposa não tem competência (o poder-alcançar) para entrar em conjunção com o alimento. Ao invés de reconhecer essa falta de competência, a raposa prefere desqualificar o objeto, dizendo que as uvas estavam verdes. Há novamente aqui um descompasso entre o discurso e a realidade. A desqualificação de um objeto oculta uma ausência de capacidade para obtê-lo.

A moral dessa fábula é uma interrogação: “Faz ela melhor do que ficar queixando-se?” A frase interrogativa permite ver as duas possíveis reações da raposa: o lamento ou a desqualificação do objeto. Embora a fábula não diga qual das duas seria melhor, a pergunta deixa entrever que, sob um discurso que revela um não querer, oculta-se na realidade um não poder.

Tomemos agora a fábula “O corvo e a raposa” (4, p. 39-40). Um corvo está pousado sobre uma árvore com um pedaço de queijo no bico. Uma raposa, querendo, mas não podendo apanhar o queijo, diz-lhe que ele é um animal muito bonito e que, se seu canto correspondesse a sua plumagem, ele seria a mais bela ave da floresta. O corvo, muito contente, abre o bico para mostrar sua voz e deixa cair o queijo, que é apanhado pela raposa. Esta quer, mas não pode, entrar em conjunção com o objeto-valor. Manipula, então, o corvo, fazendo um juízo positivo sobre sua competência (manipulação por sedução), para que ele produza um canto. À produção do canto, que significa entrar em conjunção com a admiração da raposa, corresponde uma disjunção com o bem material, o queijo. Imediatamente, a raposa entra em conjunção com o objeto desejado, posto a seu alcance pelo corvo. Este lhe dá competência para operar a conjunção.

A moral diz que “todo bajulador vive às expensas de quem lhe dá ouvidos”. Nessa fábula, há também um descompasso entre o discurso e a realidade. O mecanismo discursivo revelado é o da bajulação, que é uma mentira (parecer e não ser) sobre a competência de alguém, em que um parecer eufórico corresponde a um ser disfórico, ou seja, um não ser eufórico. Quem dá ouvidos ao bajulador considera verdadeiro esse parecer. Ao aceitar a bajulação, acaba por atribuir a

quem bajula a competência necessária para que ele atinja seus propósitos. É uma troca que se efetua: admiração por um objeto modal ou de valor.

Na fábula “O lobo e o cordeiro” (4, p. 50-51), o lobo deseja matar o cordeiro e devorá-lo. Esse é o nível da realidade. No entanto, no nível do discurso, deseja justificar sua ação, alterando o algoritmo narrativo. Apresenta sua performance como sanção a uma performance do outro, ou seja, quer tornar o cordeiro responsável pela própria morte. Faz para isso três tentativas. Na primeira, acusa o cordeiro de estar sujando a água que ele bebia. O cordeiro mostra a impossibilidade espacial de ter realizado essa performance, pois estava abaixo do lobo na corrente de água. Acusa-o, então, de ter falado mal dele no ano que passara. O cordeiro replica, apontando a não possibilidade temporal de ter executado a ação de que era acusado, porque não tinha ainda nascido no tempo mencionado pelo lobo. Este volta à carga, dizendo, então, que quem falara mal dele fora seu irmão. Novamente o cordeiro contesta, fazendo ver a impossibilidade actorial da performance, uma vez que não tinha irmão. O lobo diz, então, que fora alguém ligado a ele. Utiliza-se de um ator, de um tempo e de um espaço indeterminados. Não há, nesse caso, como contestar. O lobo mata e devora o cordeiro.

A moral diz que “a razão do mais forte é sempre a melhor”. Com isso aponta para o fato de que o discurso do mais forte não é necessariamente verdadeiro. O mecanismo discursivo desmascarado, nessa fábula, é a alteração do algoritmo narrativo: o discurso dos poderosos costuma apresentar suas performances iníquas como sanção às performances (não realizadas, é claro) de outrem.

Millôr Fernandes, em suas “fábulas fabulosas”, utiliza-se da estrutura tradicional da fábula: um discurso figurativo, um discurso temático e um enunciado que liga esses dois discursos.

No entanto, será que mantém a oposição entre discurso e realidade, que caracteriza a fábula? Será que suas “fábulas fabulosas” têm o propósito de desvelar falácias discursivas?

Tomemos cinco exemplos que são reescritura das cinco fábulas apresentadas nesse trabalho e analisemo-los para verificar se eles contêm esse elemento de conteúdo, definitório da fábula.

Em “A galinha dos ovos de ouro” (1, p. 98), há, na primeira parte, a narração da acumulação lenta de riquezas: “Esperava todas as manhãs pelo ovo de ouro — clara, gema, fala, tudo de ouro! — que o tirava da miséria aos poucos e aos poucos o ia guindando ao milionarismo.” O fato singular de uma galinha botar ovos de ouro atrai o interesse do povo e da imprensa.

Ele dá entrevistas, torna-se famoso. Observe-se que a galinha não só o faz entrar em conjunção com a riqueza, mas também com a fama. Porém, antes que ele consiga ficar rico, a galinha deixa de botar ovos de ouro. O processo de acumulação de riqueza não se completara. A interrupção do processo implica também a disjunção com a fama. O homem oculta o fato de todos. Resolve, então,

matar a galinha para apanhar os ovos que ela ainda tivesse lá dentro e verifica que não havia mais nenhum. Decide, então, explorar a fama que conseguira e abre um grande restaurante com o nome “Aos Ovos de Ouro”. E acaba rico, pois o negócio lhe dá mais dinheiro do que a galinha propriamente dita.

Observe-se que, na fábula de Millôr, não há o desejo de enriquecer de uma só vez. O homem só resolve matar a galinha depois que ela deixa de botar ovos de ouro. Vendo que dentro dela não havia mais ovos de ouro, fica decepcionado, mas não desesperado, pois possui um poder-ter sucesso num empreendimento comercial (a fama). O negócio é, por seu turno, a competência necessária (poder ficar rico) para o enriquecimento. Ao contrário do homem da fábula tradicional, este acaba rico. Neste caso, a narrativa chega ao fim, com a transformação do estado inicial disjuncto (não-rico) num estado final conjuncto (rico).

A moral diz “cria galinhas e deita-te no ninho”, o que remete ao provérbio “cria fama e deita-te na cama”. A fábula de Millôr não trata da oposição entre a realidade da acumulação lenta de riquezas e o desejo de ficar rico rapidamente, mas do fato real de que a riqueza pode advir da fama. Não mostra a falácia de uma imagem da realidade, de um mecanismo discursivo que falsifica os fatos, mas aponta para uma adequação entre discurso e realidade: se tenho fama, vou ter sucesso num empreendimento comercial e, por conseguinte, vou ficar rico. Isso realmente acontece. Os “ovos de ouro” não são tomados em sentido conotado, mas em sentido denotado. Por isso mesmo são um fato singular e extraordinário, que produz fama. Ao fazer isso, o fabulista altera a fábula tradicional, estabelecendo uma homologia perfeita entre o dizer e o ser.

Em “A raposa e o bode” (1, p. 101), Millôr apresenta, em linhas gerais, a narrativa de La Fontaine. Uma raposa cai, por um azar do destino, num poço do qual não consegue sair. Um bode, que passava, pergunta-lhe o que ela fazia lá dentro. Ela diz que tinha saltado para dentro do poço porque estava para vir a mais terrível seca de toda a história do Nordeste e que o bode, como era seu compadre, poderia fazer-lhe companhia. Este, sem pensar duas vezes, salta para dentro. Ela imediatamente sobe-lhe nas costas e pula para fora, berrando um adeus.

Verifica-se que, na fábula de Millôr, assim como na de La Fontaine, a raposa serve-se do bode como adjuvante (poder-sair) para realizar sua performance de entrar em disjunção com o fundo e em conjunção com a superfície. O discurso da raposa é falso, não corresponde à realidade de seus propósitos. O mecanismo discursivo ocultador da realidade é a apresentação de um fato adverso como algo vantajoso; de um fato não desejado como algo buscado. Esse procedimento tem a finalidade de induzir alguém a servir de adjuvante para se conseguir superar a dificuldade em que se está.

A moral aponta para a falácia do discurso, ao afirmar: “Jamais confie em quem está em dificuldade”. O que ela pretende fazer ver é que quem está em

dificuldade apresenta as adversidades como bons acontecimentos. Há, nesse caso, a não correspondência entre o discurso e a realidade.

O nível de manifestação dessa fábula caracteriza-se pela alteração dos lexe-
mas utilizados. Cada um deles perde uma parte e recebe um segmento de outro
com que mantém relação sintagmática. Assim, por exemplo, a moral “Jamais
confie em quem está em dificuldade” torna-se “Jamie confais em quá estade em
dificuldém”. Pode-se dizer que a não correspondência dos lexemas do discurso
com os da língua é homóloga à não adequação do discurso com a realidade. No
entanto, assim como só se pode perceber os lexemas na apreensão das relações
sintagmáticas, só se consegue entender, numa situação concreta, a falácia do
discurso de quem está em dificuldade. Com esse efeito de sentido criado pelo
procedimento de textualização, Millôr, de certa forma, anula o caráter exemplar
da fábula tradicional. Embora a moral afirme que não se deve confiar jamais em
quem está em dificuldade, o sentido global do texto mostra que a mentira das
pessoas nesse estado não tem caráter paradigmático (sistêmico), mas sintagmático
(situacional).

Em “A raposa e as uvas” (1, p. 127), a narrativa de Millôr segue a fábula
tradicional até certo ponto. A raposa vê as uvas, tenta apanhá-las, mas não conse-
gue, pois não tem competência (poder) para alcançá-las. Em lugar de reconhecer
sua falta de competência, desqualifica o objeto dizendo: “Ah, também, não tem
importância. Estão muito verdes.” Nesse ponto, encerra-se a fábula tradicional.
A de Millôr prossegue. A raposa ia indo embora, quando viu uma pedra enorme.
Empurrou-a até o local em que estavam os cachos de uva, subiu nela, esticou
a pata, apanhou as uvas, com avidez pôs quase o cacho inteiro na boca e cuspiu,
porque as uvas estavam realmente verdes. * A pedra é a figura do poder-alcançar.

A segunda parte da fábula mostra uma adequação entre o discurso e a reali-
dade. O discurso da raposa sobre o objeto não é falso, mas verdadeiro. Ele corres-
ponde à realidade. A moral reitera essa adequação, ao afirmar que “a frustração
é uma forma de julgamento tão boa como qualquer outra”.

A primeira parte da fábula “Todo bajulador tem sua hora” (1, p. 139)
remete à fábula “O corvo e a raposa”. Teócrito Sânscrito, um jovem ambicioso,
sabendo que todo patrão adora ser bajulado, aprimora a “arte do capacho”, com
a finalidade de subir na firma em que trabalha. Quer, com sua bajulação, con-
verter o patrão em adjuvante (poder) de sua ascensão. Sabe que ele o ajudará
em troca de sua admiração. Até este ponto, estamos no âmbito da fábula tradi-
cional. A de Millôr, no entanto, continua. O patrão resolve verificar se a admi-
ração do empregado tem algum valor, ou seja, se seu discurso corresponde à rea-
lidade. Para tanto, toma emprestado de um sobrinho, que considerava de uma

* José Gaston Hilgert fez uma análise minuciosa dessa fábula. Seu estudo será publicado
no próximo número da revista *Significação*.

extrema debilidade mental, um carro último tipo totalmente equipado com acessórios moderníssimos. Teócrito Sâncrito diz que o carro é a imagem do patrão. A partir desse dia, ele deixa de ser protegido pelo patrão e passa a chefe da portaria.

Essa fábula mostra, ao contrário da tradicional, que a bajulação só dá bons resultados quando está fundamentada em elementos valorizados positivamente pela pessoa bajulada. A moral diz: “Quando você for elogiar a magnífica onça-pintada que o patrão caçou, muito cuidado: vai ver que o que ele acha o máximo da habilidade é caçar gambá.” A fábula de Millôr insiste na necessidade de adequar o discurso da bajulação à realidade dos valores que a pessoa a quem se bajula preza. Uma não adequação pode produzir resultados contrários àqueles que se espera obter. Enquanto a fábula tradicional trata da não correspondência entre o discurso da bajulação e a realidade, a fábula de Millôr mostra que esse discurso deve corresponder a uma certa realidade, caso contrário será inócuo ou mesmo nocivo. Millôr altera o sentido da fábula tradicional, fazendo o patrão passar de adjuvante a oponente, quando percebe a não correspondência acima apontada.

Em “O lobo e o cordeiro” (1, p. 21), o fabulista mostra que o lobo pretende alterar o algoritmo narrativo, transformando sua performance em sanção: “Vais pagar com a vida o teu crime.” Para isso, faz as clássicas acusações ao cordeiro. Este replica, mostrando a impossibilidade de ter realizado as ações de que o lobo o acusava. No entanto, o cordeiro da fábula de Millôr não é um animal ingênuo, cuja única arma era uma lógica impecável. Possui um saber sobre a realidade: sabe que, de qualquer jeito, será devorado. Quando pergunta que crime cometera, deseja apenas ganhar tempo, pois sabe que com o lobo não adianta argumentar. É um animal malicioso e destituído de princípios éticos. A primeira réplica à acusação de que estava sujando a água que o lobo bebia é que isso não poderia ocorrer, porque era lavado diariamente pelas máquinas automáticas da fazenda. O outro então retruca que, por mais limpo que um cordeiro esteja, é sempre sujo para um lobo. Ele pensa que a recíproca é verdadeira, mas dá a resposta clássica, mostrando a impossibilidade espacial de sujar a água. Quando o lobo se prepara para devorá-lo, depois de ter concluído o diálogo da fábula tradicional, propõe ele uma troca: sua liberdade pela entrega de todo o rebanho ao lobo. Este recusa a proposta. Com base no código da jungle, invoca então o direito a responder a três perguntas. O lobo admite esse direito e faz as perguntas. Ele responde-as corretamente e ganha o direito à liberdade. Apesar disso, vai ser devorado, mas aparece um caçador e mata o lobo.

A moral diz: “Quando o lobo tem fome não deve se meter em filosofias.” A fábula mostra que se deve operar no nível da realidade (no caso, a satisfação da fome) e não procurar estabelecer um discurso que o mascare. O discurso acaba por impedir que se satisfaçam as necessidades básicas da vida. Millôr inverte a

fábula tradicional: o lobo é vítima do seu desejo de alterar o algoritmo narrativo e da habilidade discursiva do cordeiro.

A fábula caracteriza-se por uma não adequação do discurso à realidade criada pelo narrador. Em Millôr, essa não correspondência inexistente (cf. “A raposa e as uvas” e “A galinha dos ovos de ouro”), deve ser eliminada (cf. “Todo bajulador tem sua hora” e “O lobo e o cordeiro”) ou não tem caráter exemplar (cf. “A raposa e o bode”). Enquanto na fábula a personagem usa essa não adequação para alcançar seus objetivos, em Millôr ela impede que a personagem realize o que deseja. Inexistente a correspondência, quando, na fábula tradicional, ela conduz ao malogro ou o oculta. Deve ser eliminada, quando, na fábula clássica, a personagem obtém sucesso com ela. Observe-se então que Millôr, com esses procedimentos, inverte o conteúdo da fábula, pois transforma malogros em sucessos (o dono da galinha dos ovos de ouro fica rico), inverdades em verdades (a raposa estava certa quanto às uvas), sucessos em malogros (o lobo é morto, o bajulador não alcança seus objetivos).

Millôr destrói a fábula, usando sua estrutura tradicional. Cria, então, antifábula, que se caracteriza por não apresentar o caráter exemplar da fábula. Na medida em que a fábula desvela as falácias discursivas e em que reside aí seu caráter exemplar, a antifábula constrói-se estabelecendo uma homologia entre o discurso e a realidade ou mostrando que essa não correspondência leva ao insucesso. O autor consegue, assim, dessacralizar textos que fazem parte de nosso imaginário, pelo processo de inversão de seu conteúdo.

O adjetivo “fabulosas” acrescentado ao substantivo “fábulas” significa “falsas, irreais”. A antifábula é falsa em relação à fábula, pois cria sua própria verdade. Na medida em que a verdade da antifábula é a inversão da verdade da fábula, é falsa em relação ao que esta propõe.

FIORIN, J.L. — Millôr and the destruction of the fable. *Alfa*, São Paulo, 30/31:85-94, 1986/1987.

ABSTRACT: Based on examples taken from La Fontaine, this paper intends to demonstrate that the fable is characterized by an opposition between discourse and reality. Its exemplary character is not in its moral but in the process of unmasking the fallacies of the discourse. Millôr Fernandes, making use of the traditional structure of the fable, destroys it when he creates an anti-fable. As he rewrites certain fables, he makes the correspondence between reality and discourse disappear or he shows that this inadequacy leads to failure. This inversion of content creates one truth, which does not belong to the fable, but is its contrary.

KEY-WORDS: Production of sense; fable; anti-fable.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. FERNANDES, Millôr — *Fábulas fabulosas*. 4. ed. São Paulo, Círculo do Livro, 1975.

Alfa, São Paulo, 30/31:85-94, 1986/1987.

2. FIORIN, J.L. — A inauguração da inocência. Uma estratégia do discurso do poder: a alteração do algoritmo narrativo. *Significação: Revista Brasileira de Semiótica*, Araraquara, 4:70-80, 1984.
3. GREIMAS, A.J. & COURTÉS, J. — *Sémiotique: dictionnaire raisonné de la théorie du langage*. Paris, Hachette, 1979.
4. LA FONTAINE — *Fables*. Tours, Alfred Mame et Fils, 1918.
5. LIMA, A.D. — A forma da fábula: estudo de semântica discursiva. *Significação. Revista Brasileira de Semiótica*, Araraquara, 4:60-69, 1984.